

## Relações da escultura entre Portugal e Espanha nas décadas de 40 e 50 do século XX<sup>1</sup>

JOAQUIM SAIAL

*Director da revista de cultura “Callipole”  
(Vila Viçosa, Alentejo, Portugal)*

*Doutorando em História (Univ. Autónoma de Lisboa e Univ. de Salamanca)  
Mestre em História da Arte*

– Conhece a nossa escultura contemporânea?

– Tomei contacto com ela em Barcelona, na III Bienal, e confesso que gostei imenso dos vossos escultores e, sobretudo, admirei em cada um as suas independências estéticas. Tanto Barata Feyo, como Duarte ou Fragoso e Martins Correia, são escultores de “garra”.

E a sorrir diz-nos:

– E sabe porquê? É porque estilizam e não esterilizam!

Entrevista de Josep Cañas a M. de O.

*Diário Popular-29 Fev., 1956, p. 6*

### ALGUNS ANTECEDENTES NO SÉC. XX

De um modo ou de outro, sempre houve relações na área da escultura entre Portugal e Espanha. Esporádicas, é certo, mas com alguma continuidade, como se espera de países geográfica e culturalmente próximos.

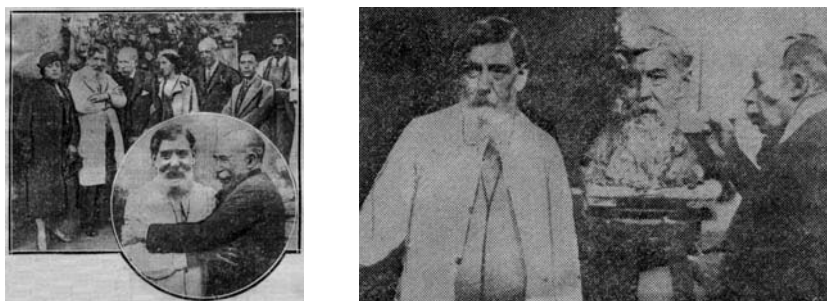
Reportando-nos apenas ao século XX, lembremos em primeiro lugar a Exposição Ibero-Americana de Sevilha, em 1929, na qual Portugal participou com pavilhão dos irmãos arquitectos Rebelo de Andrade<sup>2</sup> e diversas esculturas. Rui Gameiro apresentou uma cabeça do navegador Bartolomeu Dias,

<sup>1</sup> Não confundir neste texto o ditador Francisco Bahamonde Franco com o escultor português Francisco Franco.

<sup>2</sup> Hoje edifício do consulado português naquela cidade andaluza.

António da Costa um busto de outro, João Gonçalves Zarco, e César Barreiros mais dois bustos, estes em madeira, de Antero de Quental e Beethoven. Para o salão de festas do pavilhão, Henrique Moreira executou quatro baixos-relevos com danças do Minho, Ovar, Ribatejo e Alentejo e no pátio central estava uma fonte com uma figura feminina e uma cabra, de João da Silva. Além destas peças, Portugal levava várias estátuas: Afonso de Albuquerque e Camões, de Maximiano Alves, Infante D. Henrique, de Costa Mota, e o famoso “Zarco” do escultor Francisco Franco, que fora a primeira estátua portuguesa a ser exposta publicamente na lisboeta Avenida da Liberdade, antes de ir para o Funchal por pouco tempo para logo viajar para Sevilha e finalmente regressar ao Funchal, capital da ilha da Madeira, onde ainda se encontra. Foi pois um significativo conjunto de obras e de escultores portugueses modernos que Sevilha e os espanhóis que visitaram a exposição tiveram ocasião de observar.

Poucos anos depois, em 1933, um dos mais distintos escultores espanhóis, Mariano Benlliure y Gil deslocava-se com a esposa e a enteada a Portugal, onde se encontraria com o colega Teixeira Lopes, de igual modo uma das



*Teixeira Lopes e Mariano Benlliure*

<sup>3</sup> *Diário de Notícias* – 2.Novembro.1933, p. 2

<sup>4</sup> Desconhecemos onde se encontra o que Teixeira Lopes realizou. O jornal *O Século*, de 5.Novembro.1933, p. 6, contém uma imagem de uma das sessões de pose, onde se vêem Teixeira Lopes, Mariano Benlliure e o busto feito por este, em fase adiantada de execução.

mais respeitadas figuras da escultura portuguesa da época. O encontro deu-se a 1. Novembro. 1933, em Vila Nova de Gaia, onde este residia e trabalhava<sup>3</sup>. Foi nessa altura que ambos decidiram representar-se um ao outro, o que na realidade aconteceu, estando hoje o busto de Teixeira Lopes modelado por Benlliure na Real Academia de Bellas Artes de San Fernando, em Madrid<sup>4</sup>.

Em 20 de Julho de 1936 deu-se um acidente aéreo junto à Boca do Inferno, em Cascais, que vitimaria o general Sanjurjo, o qual, juntamente com os generais Mola e Francisco Franco, se preparava para dar início ao golpe que terminou com a República espanhola<sup>5</sup> e desencadeou a guerra civil naquele país. No ano seguinte, por iniciativa do Dr. Joaquim Madureira, foi requerida à Câmara Municipal de Cascais a licença para as obras destinadas a uma cruz de pedra com cerca de 14 toneladas, na Quinta da Marinha, destinada a lembrar o acidente<sup>6</sup>.



Francisco de Paula Godinho Cabas – *Salazar*

Amigo desconfiado do caudilho Francisco Franco, António de Oliveira Salazar atraiu, entre diversos outros, a atenção de um português fugido da guerra civil e de um espanhol: o primeiro, um hoje esquecido José Luís, realizou em Lisboa, em Novembro de 1937, uma exposição dos seus trabalhos. Entre as peças mostradas, podia ver-se a peça religiosa “*Fátima*”, que o autor dedicou e ofereceu ao Cardeal Patriarca e um muito fraco busto de Salazar, de igual modo oferecido ao

---

<sup>5</sup> O general dirigia-se a Burgos numa pequena aeronave manobrada pelo famoso aviador espanhol Juan António Ansaldo, que se salvou. Segundo este, o choque contra uma cerca de pedra, seguido de explosão e incêndio, deveu-se ao excessivo peso da mala do general. Sanjurjo não terá atendido os pedidos do piloto para não ser portador de tanta carga.

<sup>6</sup> Segundo o *DN* de 7. Maio. 1940, p. 4, as obras por esta altura estavam muito adiantadas.

<sup>7</sup> Apontava o *DN* de 19. Novembro. 1937: “O jovem escultor José Luís, nosso compatriota, que, como referimos, há tempos, conseguiu fugir da Espanha marxista através de tormentosas peripécias, acaba de abrir na Rua do Carmo, 17, uma interessante exposição dos seus trabalhos”.



*O general Juan Soler junto ao memorial aos mortos portugueses em batalha no século XX*

Presidente do Conselho de Ministros<sup>7</sup>. Igualmente desinteressante era o busto que o amator espanhol Francisco de Paula Godiño Cabas entregou a Salazar “como preito de agradecimento pelos auxílios prestados à sua pátria durante a revolução”<sup>8</sup>. Percebe-se facilmente que estes pouco talentosos artistas apenas pretendiam alguma publicidade junto da imprensa escrita, sempre muito sensível com tudo que se relacionasse com o chefe do Governo -a qual, através do artifício das ofertas acabou por ser obtida.

Na Exposição do Mundo Português, também conhecida como do Duplo Centenário da Fundação e da Restauração da nacionalidade, realizada em Belém, Lisboa, em 1940<sup>9</sup>, podia ver-se na Sala de Portugal Militar na Europa do Pavilhão dos Portugueses no Mundo<sup>10</sup> um pouco expressivo e algo desastrado baixo-relevo de António Duarte. O trabalho fazia alusão aos combates travados no século XX por tropas portuguesas no Rovuma (Moçambique), ao feito do heróico comandante Carvalho Araújo<sup>11</sup>, à participação portuguesa na Grande

<sup>8</sup> *Século Ilustrado*, n.º 127, 8.Junho.1940, p. 24

<sup>9</sup> Ideia de Salazar, esta foi a primeira exposição de História realizada no Mundo. Para o efeito foram construídos vários pavilhões de grandes dimensões, em materiais provisórios, junto ao mosteiro dos Jerónimos. A exposição, que envolveu centenas de trabalhadores, arquitectos, pintores e escultores, desenrolou-se durante a segunda metade do ano de 1940.

<sup>10</sup> Da autoria do arquitecto Cottinelli Temo.

Guerra na Europa e em África e aos Vi-riatos, combatentes portugueses na guerra de Espanha, pelo lado nacionalista<sup>12</sup>.

Mostrando o interesse que o país vizinho dava a manifestações deste tipo, esteve em Lisboa o general Juan Lopez Soler, presidente da comissão que tinha como encargo as Recordações Portuguesas em Espanha e se deixou fotografar pelo *DN* junto ao baixo-relevo, fazendo a inevitável saudação fascista. Nicolas Franco, o embaixador espanhol em Lisboa<sup>13</sup>, por na altura estar ausente, fez-se representar pelo conde de Montefuerte que proferiu exaltado discurso patriótico e de agradecimento aos soldados portugueses que tinham combatido e morrido pelo lado nacionalista durante o conflito que opôs a Espanha republicana e as tropas sublevadas de Francisco Franco.

#### OS ANOS 40

Os anos 40 trariam mais alguns relacionamentos no campo artístico. O *DP* fazia-se eco em 6.Abril.1943<sup>14</sup> de informação do subsecretário da Educação Nacional de Espanha de que se iria realizar em Lisboa uma exposição de artes plásticas espanholas, para dias depois o mesmo jornal referir que outra, de “arte popular portuguesa”, também teria lugar naquele país<sup>15</sup>, o que veio de facto a acontecer, com cerimónia inaugurativa a 25 de Maio e boa aceitação dos órgãos de comunicação social locais, entre os quais a importante revista *Fotos*<sup>16</sup> e na alemã, caso do *National Zeitung*.

Nesse mês anunciou-se<sup>17</sup> que se iria realizar em Madrid um congresso luso-espanhol de arquitectura e em Novembro abria a anunciada exposição de arte espanhola, nas salas da Sociedade Nacional de Belas Artes, em Lis-

---

<sup>11</sup> Em 14.Outubro.1918, no mar dos Açores, o 1.º tenente Carvalho Araújo, ao comando do caçaminas *Augusto de Castilho*, conseguiu salvar o vapor S. Miguel que escoltava de um ataque de um submarino alemão, mas acabou por perecer e o seu barco foi afundado.

<sup>12</sup> 869 homens integrados na Legião Espanhola, para além de três grupos que combateram na aviação. Estes Viriados participaram em Madrid, a 19.Maio.1939, no chamado Desfile da Vitória.

<sup>13</sup> Era irmão de Francisco Franco.

<sup>14</sup> p. 1

<sup>15</sup> *Diário Popular* – 13.Abril.1943, p. 1

<sup>16</sup> A propósito desta exposição, ver ainda o *DP* – 25.Maio.1943, p. 1, 6.Junho.1943, p. 3, 11.Junho.1943, p. 1, e 23.Agosto.1943, p. 4

<sup>17</sup> *DP* – 7.Maio.1943, p. 1

boa<sup>18</sup>. Ali se podiam ver obras de Nurria, Solana, Zuloaga, Zubiaurre, Vázquez Díaz, Sorolla e dos escultores Pablo Gargallo e Mariano Benlliure, numa mistura ecléctica de valores modernos e antigos que permitia agradar a todos os gostos.

Entretanto, o aguarelista António Cruz anda por Espanha<sup>19</sup>, o espanhol Juan Cabanas expõe no estúdio do Secretariado da Propaganda Nacional<sup>20</sup>, o arquitecto Mário Gonçalves de Oliveira realiza em Lisboa uma conferência sobre “A Arte e a vida de Sorolla”<sup>21</sup> e em Setembro de 1944 arquitectos portugueses e espanhóis decidem reunir-se em Madrid no III Congresso de Arquitectura e Urbanização<sup>22</sup>. Confraternizam na Real Academia de Bellas Artes de San Fernando<sup>23</sup> e fazem saber através de dois eminentes arquitectos lusitanos, Pardal Monteiro e Carlos Ramos, que constituirão um organismo único profissional em Abril do ano seguinte em Lisboa<sup>24</sup>.



*Martins Correia (c. 1945)*

Em 1945, o escultor Martins Correia concedia uma longa entrevista ao *DP*, realizada a partir de Madrid, pelo correspondente do jornal português naquela cidade. O artista da Golegã fora para ali com uma bolsa de estudo obtida em 1944, que também o enviou a Itália, depois de ter ganho em Portugal todos os prémios que na altura estavam a concurso<sup>25</sup>. E apresentava as razões que ali o tinham levado<sup>26</sup>:

<sup>18</sup> Inaugurada em 10. Novembro. 1943 – *DP* – 9. Novembro. 1943, p. 1

<sup>19</sup> *DP* – 19. Agosto. 1943, p. 6

<sup>20</sup> *DP* – 26. Novembro. 1943, p. 1

<sup>21</sup> *DP* – 27. Novembro. 1943, p. 4

<sup>22</sup> *DP* – 29. Setembro. 1944, p. 1

<sup>23</sup> *DP* – 3. Outubro. 1944, p. 4

<sup>24</sup> *DP* – 4. Outubro. 1944, p. 1

<sup>25</sup> CORREIA, Martins. *Memorial de Cincoenta [sic] Anos de Actividade Escultórica – Escultor Martins Correia*, Tipografia Cunha & Duarte, Lda., Golegã, 1983.

<sup>26</sup> *DP* – 9. Março. 1945, p. 1

*“-A ideia de vir estudar e trabalhar para Espanha surgiu da certeza de encontrar, neste país, um movimento de escultura moderna que me convinha auscultar. Um meio tão rico de tradições convida os artistas espanhóis a um grande desenvolvimento de arte. Conhecer novas vidas, viver novos ambientes e estudar novas formas é sempre útil, pois que a Arte, em qualquer escola que se filie, é só Arte se é vida”.*

Não era hábito por esta altura um artista português escolher a Espanha como país ambicionado em termos de aprendi-zagem artística, continuando a França a sê-lo para a generalidade dos que partiam de Portugal em busca de conhecimentos ou em desenvolvimento de bolsas de estudo. E se tínhamos tido um Almada Negreiros com demorada passagem por Madrid, com pinturas em teatros e cinemas<sup>27</sup> e desenhos em diversos periódicos, isso era uma excepção que Martins Correia agora contrariava. Dizia ele que estava ali para estudar e para observar, “tanto quanto possível, a arte do passado e a arte moderna, se por ser moderno se entender a cultura da forma e linhas novas”. E que a Espanha dos séculos XVI e XVII eram épocas que para ele tinham interesse artístico tão grande como o da arte contemporânea, chegando ao ponto de afirmar que um Berruguete ou um Gregório Hernandez, pela sua modernidade, não só eram valores dos seus séculos, como também do XX.

Quanto à escultura contemporânea falava de homens do norte e da Catalunha, como Josep Clarà, Casanovas e Manolo Uguit. No entanto, questionado sobre se pretendia concorrer a prémios, retorquia que não trabalhava com esse objectivo. O que pretendia era seguir o exemplo de mestres portugueses como Manuel Pereira, Machado de Castro, Soares dos Reis e Francisco Franco. Destes, apenas Franco era moderno, de geração anterior à sua. Ou seja, o escultor definia com esta enumeração aquilo que na realidade foi o seu percurso de escultor clássico mas de orientação modernizante.

Conforme depois relatava, ia fazendo peregrinações pelos museus, nomeadamente pelo Prado, e desenhava<sup>28</sup>. A entrevista era rematada com a

---

<sup>27</sup> *Almada* – Catálogo da exposição sobre o artista, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1984. Almada está em Madrid de Março de 1927 a Abril de 1932. Realiza trabalhos no Cine S. Carlos, no Cine Barceló e no Teatro Muñoz Seca. Frequenta a tertúlia intelectual do Café Pombo. Colabora em *La Gaceta Literária, El Sol, ABC, Blanco e Negro, La Farsa, La Esfera, Nuevo Mundo e Revista de Occidente*.

<sup>28</sup> No *DP* – 3. Abril. 1947, p. 4, uma notícia sobre uma exposição na Galeria Instanta, Lisboa, em que participavam os pintores Celestino Alves e Frederico George e os escultores João Frago e

seguinte pergunta: “-Acredita na utilidade da sua visita e, por conseguinte, na dos restantes artistas, para intensificação do intercâmbio cultural entre os dois países?” A resposta de Correia era positiva, afirmando que os assuntos do espírito só necessitam de intercâmbio e que a seu ver Espanha e Portugal ofereciam condições para a implementação de uma arte “inteiramente nossa”. Uma arte inteiramente nossa, portuguesa, foi o que Martins Correia sempre procurou, em classicismos estilizados, por vezes com mistura de tintas coloridas no bronze, e apropriação constante da tradição portuguesa, tanto na escultura como em originais peças de pequenas dimensões, desenhos e azulejos<sup>29</sup>.

Em Novembro desse mesmo ano de 1945, realiza-se na Sociedade Nacional de Belas Artes uma exposição do pintor português Lázaro Lozano<sup>30</sup> e do escultor emeritense Juan de Ávalos. É obviamente este último que nos interessa, dados os desenvolvimentos que a exposição teve na biografia do futuro escultor do Vale dos Caídos. Ali podia ver-se um busto de Manolete que comentador anónimo não apreciava<sup>31</sup>, dizendo que algumas das obras eram de ocasião, que Ávalos era “um escultor de imagens” e que as suas mãos não tinham o necessário apoio intelectual. Ora talvez o crítico não soubesse (ou não o desejou ou pôde dizer) que Ávalos se encontrava em exílio meio forçado, meio desejado, fugido de uma Espanha que não o reconhecia e não lhe dava encomendas, por ele não ser afecto ao regime franquista.

De facto, segundo o *Boletín Oficial del Estado* número 208 de 27.Julho.1942, afirmava-se que Ávalos estava “depurado” por falta de confiança ao não ser afecto ao regime, como relatará, décadas após<sup>32</sup>, ao *El Mundo*. Ocorrência que contraria a sua antiga, repetida, lendária e realmente falsa ligação ao estado franquista. Por isso, e por ironia do destino que traçou,

---

Martins Correia, dizia-se o seguinte sobre este: “Fragoso andou em peregrinação por terras de Espanha. Acompanhava-o, apenas, o bloco-notas e a caneta de tinta permanente. Fugazmente, colheu aqui e ali impressões, dando-lhes depois um sabor colorido. Deste modo, ofereceu-nos alguns desenhos primorosos de factura, bastante movimentados, cheios de carácter.”

<sup>29</sup> Em 1954 o Estado espanhol comprou uma cabeça feminina em pedra a Martins Correia (executada em 1944) destinada ao Museu de Arte Moderna de Madrid. Ver *DP* – 10.Fevereiro.1954, p. 5, onde se dá esta referência, dez anos pós o acontecimento em causa.

<sup>30</sup> Natural da Nazaré, mas originário de espanhóis, Lozano nasceu na Nazaré em 1906 e faleceu em 1999 em Madrid.

<sup>31</sup> *DP* – 6.Novembro.1945, p. 6

<sup>32</sup> <http://www.elmundo.es/magazine/2001/114/1007133379.html> “Según la orden firmada por el ministro de Educación Nacional señor Ibáñez Martín, don Juan de Ávalos García-Taborda queda depurado por falta de confianza al no ser afecto al regimen”.



veio para Portugal, onde vigorava sistema semelhante, algures em 1944<sup>33</sup>. Diz Ávalos que “farto de fazer santos baratos para garantir milagres e retratos de senhoras a troco de uma miséria” se exilou em Portugal sem que lhe tivessem permitido transportar para cá nenhuma das suas obras. E que só lhe fora possível trazer, escondido debaixo do assento do comboio Lusitânia Expresso, um busto do toureiro Manolete que modelara quando vivia com ele na mesma pensão e este toureava com trajes emprestados... Temos assim que mal sabia o crítico apressado as dificuldades que aquele busto tivera para chegar a uma sala de exposições e porque não expunha Ávalos “nenhum dos seus Cristos”, como aquele desejava no *DP*. Contrariamente ao que tudo fazia prever, o escultor voltaria a Espanha em 1950<sup>34</sup>, após cerca de cinco anos no nosso país, para uma exposição nacional em que apresentou o “*Herói morto*”. Nessa altura ainda vivia em Portugal e a ida a Espanha fora fortuita e sem previsão de retorno total. Não conseguimos descobrir o motivo deste regresso, estando ele exilado em Portugal. A verdade é que não só expôs de novo em Madrid, como Franco, que visitou a mostra e não parara diante das peças de outros autores, se quedou perante esta dizendo que ali estava o grande escultor de que a Espanha necessitava... Desconheceria Franco que aquele Ávalos que tanto o impressionara viera de um relativamente longo exílio? Parece que não, dado que segundo o escultor o então chefe do Governo, Carrero Blanco, sabia muito bem quem ele era e que o teria dito a Franco<sup>35</sup>. Mas, mesmo

---

<sup>33</sup> Ibidem. “Me exílio a Portugal sin que me permitan llevarme mi obra allí. Sólo pude sacar, escondido bajo el asiento del Lusitana Expres, un busto que le hice a Manolete cuando vivíamos en la misma fonda y toureaba con trajes prestados.

<sup>34</sup> Ibidem. “Volví a Madrid em 1950 con una exposición nacional en la que presenté al ‘*Héroe muerto*’”.

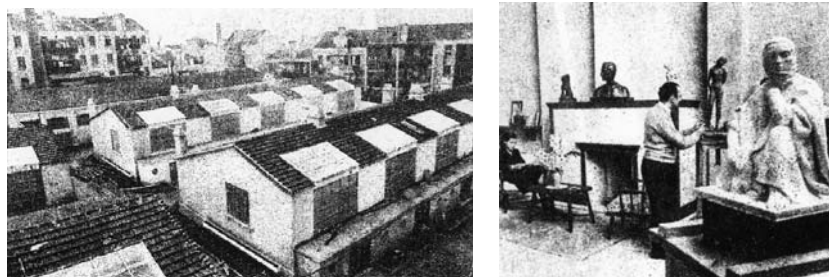
<sup>35</sup> Ibidem. “Don Paco visitó la muestra como si se tratara de una revista militar y se paró ante mi estatua diciendo ‘Este es el gran escultor que necesita España (...) Carrero Blanco sabía muy bien quién era yo: un republicano de izquierdas. Él tenía hilo directo con don Paco, pero sobretudoo, la cabeza en su sitio”.

[http://www.epoca.es/index.php?option=com\\_content&task=view&id=910&Itemid=112](http://www.epoca.es/index.php?option=com_content&task=view&id=910&Itemid=112)

No *Época 24h*, de 10. Setembro. 2006, num texto de Júlia Urgel baseado numa entrevista para Intereconomia TV que esta fizera ao escultor antes de ele morrer com 94 anos, referia-se outro episódio passado no mesmo momento: Franco terá perguntado a Ávalos “O que é que você está a fazer em Lisboa?”, ao que este retorquiu: “Pois verá, general, o que faço é viver como não vivia em Espanha, fazendo santos em madeira para garantirem milagres”. Segundo Ávalos, Franco ter-se-á rido da explicação.

Ver ainda sobre este assunto:

8. Julho. 2006: <http://www.hoy.es/pg060708/prensa/noticias/Sociedad/200607/08/HOY-SOC-156.html>



*A “Colônia de Artistas” em Campo de Ourique e atelier de Juan de Ávalos. À esquerda, sentada, eventualmente a esposa do escultor. O ambiente aponta para atelier e residência.*

assim, em 17.Novembro.1952 o escultor assinava com o Estado espanhol um contrato em que se comprometia a realizar pelo valor de 900.000 pesetas o vasto conjunto estatuário do complexo fúnebre do Vale dos Caídos, perto de Madrid.

No *Época 24h* de 10.Setembro.2006<sup>36</sup>, Júlia Urgel afirma que “no ano de 1945 [Ávalos] decide dedicar-se exclusivamente à escultura”. Assim sendo, esse começo terá tido lugar em Lisboa. Mas em que lugar e sob a orientação de quem? A primeira vez que ouvimos falar da passagem de Juan de Ávalos por Lisboa, foi o elogio fúnebre de Leopoldo de Almeida feito pelo colega e amigo João Fragoso, na Sociedade Nacional de Belas Artes<sup>37</sup>. Mesmo no final do texto, diz Fragoso:

*“No seu funeral para o Cemitério dos Prazeres, só dois colegas de trabalho estão presentes: António Duarte e eu. Deixa apenas um discípulo, na verdadeira expressão do termo, o escultor espanhol Juan Ávalos que no ‘Vale dos Caídos’ irá continuar o ritmo exercitado no atelier do Mestre Leopoldo de Almeida”.*

<sup>36</sup> Ibidem. 2.ª parte da nota 84.

<sup>37</sup> *Belas Artes* (n.º 32), 1978, pp. 87-90



*Outro aspecto do atelier  
de Juan de Ávalos*

Aqui, pode perguntar-se pela estada portuguesa (melhor dizendo, lisboeta), de Juan de Ávalos. E a resposta, ainda que não totalmente fundamentada, está numa página de reportagem do *Século Ilustrado*, datada de Novembro de 1946<sup>38</sup>. Com o título “Ávalos, notável escultor espanhol, está a trabalhar em Portugal”, e três imagens, o trabalho assinado por um L. de Q. é limitado mas oferece pistas que não encontramos em nenhum outro local. Por exemplo, informa-nos quase exactamente do local onde o atelier do escultor estava instalado e onde este decerto vivia<sup>39</sup>. Tratava-se da recente “Colónia de Artistas”, no popular bairro de Campo de Ourique, em Lisboa. A “Colónia” era constituída por um conjunto de quatro barracões com parte do tecto envidraçado. Segundo o autor do texto todos ocupados, albergavam entre outros os escultores portugueses Leopoldo de Almeida e Pedro Anjos Teixeira, o arquitecto Cotinelli Telmo e o pintor Lázaro Lozano.

Relata L. de Q. que Ávalos estava em Portugal “encantado pelo ambiente artístico lisboeta e pelas maravilhas naturais da nossa terra” e que o soubera no “Chiado, aquela ágora de gente faladora onde se sabe de tudo e se critica tudo, havia-nos dito já que João (sic) de Ávalos em Portugal já há algum tempo, resolvera fixar-se no nosso país encantado pelo ambiente artístico lisboeta e pelas maravilhas naturais da nossa terra”. Que os motivos não

---

<sup>38</sup> *SI* (n.º 465) – 30. Novembro. 1946, p. 26

<sup>39</sup> Ver as fotos em que se podem observar aspectos diversos do atelier, como lareira, cadeiras, a esposa sentada em atitude de repouso e leitura, etc.

eram só esses já o sabemos. Contudo, o jornalista fornece mais algumas pistas para o percurso português de Ávalos, contando que este já estivera no Portinho da Arrábida, Alcobaça e arredores de Coimbra. E transmite palavras de elogio deste relativas aos colegas Francisco Franco, Leopoldo de Almeida, Barata Feyo, Álvaro de Brée e João Fragoso, gente prestigiada e com obra feita, da primeira e geração de artistas do século XX. Ávalos lamentava o gosto “francês” dos portugueses, “incompreensível num povo tão rico de valores estéticos e de motivos emocionais”. Mas ao mesmo tempo exaltava a nossa arte pelo que ela tinha de “‘arejada’ em relação à de alguns países fortemente aferrados a bafientos preconceitos de ordem moral (...)”.

Mas mais que esta conversa incompleta em que obviamente não se fala de política e muito menos de exílio, interessa enumerar obra feita em solo português. Atendendo a que o escultor só terá trazido de Espanha o busto de Manolete e que estava em Portugal havia mais de dois anos, percebe-se pelas fotografias e pela enumeração de obras feitas no texto que trabalhara afanosamente: uma pequena estatueta de mármore branco de figura de nu feminino, uma cabeça do violinista português Luís Silveira, um pequeno barro de mulher da Nazaré<sup>40</sup>, um S. João degolado, em madeira, e fotografias de Cristos crucificados, também em madeira, apontam para trabalho contínuo mas aparentemente não recompensado. O “segredo” Manolete da exposição não fora vendido e ainda estava no atelier e o filho mais velho de Ávalos, também chamado Juan, havia de dizer ao jornal *Hoy* após a morte do escultor que quando estavam exilados em Portugal passavam fome. Havia portanto que colaborar com o regime franquista, não de maneira oportunista, mas por questão de sobrevivência. Ávalos, de quem o regime mais se serviu (do que este daquele), ficou para a História sobretudo como um pensador livre e um homem de esquerda, perseguido pela situação e reaproveitado num momento de necessidade desta. Contudo, o Vale dos Caídos, símbolo máximo do franquismo escultórico e da obra avaliana, sublima-se num grito de revolta e ao mesmo tempo de reconciliação entre as duas espanhas que a Guerra Civil opôs – mais do que monumento ao fascismo que afinal nunca foi, embora isso sempre se tenha pretendido.

---

<sup>40</sup> Lembremos que o colega, amigo e quase compatriota Lázaro Lozano (com quem expusera no ano anterior) era natural da Nazaré. Daí talvez o interesse por aquele tipo etnográfico.

Mais ou menos quando isto se passa em Portugal, temos um escultor a expor em Espanha, mais concretamente em Barcelona. Trata-se de António Duarte. Já com uma carreira segura, Duarte tinha na altura em mãos um monumento ao navegador Nuno Tristão, para a Guiné, e um grupo decorativo para a Biblioteca Central da Universidade de Coimbra e concluíra em tempos recentes um gigantesco alto-relevo à Virgem incrustado na rocha da Serra da Estrela<sup>41</sup> e outro ao Dr. Passos Vela, para um jardim de Cascais. Numa entrevista de Janeiro de 1946<sup>42</sup> divulga que irá expor em breve em Barcelona “desenhos de possíveis esculturas” que tinha mostrado recentemente em Lisboa, numa exposição do Secretariado da Propaganda Nacional. “Estou a dar a estes trabalhos todo o entusiasmo... Vamos ver o que conseguirei...”. Infelizmente não nos foi possível obter confirmação da realização desta mostra que, contudo, a ter tido lugar, não foi de escultura mas sim de desenho sobre a mesma.

Entretanto, em Fuenterrabia, San Sebastian, inaugurava-se a 13. Abril. 1947 um monumento ao santo português S. João de Deus<sup>43</sup> e a 22 do mesmo mês o *DP* anunciava<sup>44</sup> que a 1 de Maio seguinte se inauguraria o I Salão de Aguarela Luso-Hispânica em Madrid, no qual figuraria em lugar de honra um quadro pintado pelo Rei português D. Carlos...

## OS ANOS 50

Em Janeiro de 1950<sup>45</sup>, Diogo de Macedo<sup>46</sup> escreve um longo artigo sobre a morte do escultor animalista Matéo Hernández<sup>47</sup> que havia falecido recentemente. Macedo havia conhecido Hernández em Paris e possuía duas

---

<sup>41</sup> Trata-se da “*Virgem dos Pastores*”, relevo aberto no granito na zona de Lovão de Boi.

<sup>42</sup> *SI* – 26. Janeiro. 1946, p. 19

<sup>43</sup> *DP* – 12. Abril. 1947, p. 5 – O monumento foi inaugurado pelo Dr. Carneiro Pacheco, embaixador de Portugal em Espanha, que ali se deslocou para o encerramento do Congresso para o Progresso das Ciências em que tomavam parte diversos professores portugueses.

<sup>44</sup> *DP* – 22. Abril. 1947, p. 7

<sup>45</sup> *DP* – 10. Janeiro. 1950, p. 1

<sup>46</sup> O escultor, nessa altura retirado da sua arte, era director do Museu Nacional de Arte Contemporânea (Lisboa).

<sup>47</sup> Mateo Hernandez (Béjar, Salamanca, 1884 – Paris, 1949), por exemplo autor dos bronzes “*Grã Bañista*” (1925) e “*Otaria*” (1920), existentes na Praça de Espanha de Béjar, cópias de originais em granito. Em Béjar existe um museu dedicado à sua obra.

obras suas: um retrato que aquele dele fizera e outro de uma rapariga de turbante. E dizia, aproveitando a oportunidade para alfinetar mais uma vez a pouca importância que na sociedade portuguesa era dada aos escultores e artistas em geral:

*“O escultor Matéo Hernandez morreu em Meudon, à beira de Paris, e todo o Mundo o soube; quando um escultor morre em Portugal, talvez que a vizinhança da rua note a passagem do enterro e pergunte, por curiosidade sentimental, quem era aquele infeliz.”*

Em Janeiro de 1951<sup>48</sup>, sob o título “Em Lisboa há estátuas a mais e estátuas a menos, mas impõe-se que Cervantes seja celebrado na futura Praça de Espanha”, o articulista José Osório de Oliveira, grande amigo de Espanha, escrevia um longo texto em que pugnava pela criação de um memorial ao autor do *D. Quixote de la Mancha*. Começando por extensa enumeração das figuras que considerava a mais e daquelas cuja falta segundo ele se fazia sentir, afirmava a dado passo que o seu artigo tinha um fim imediato, derivado do facto de saber que a Câmara Municipal de Lisboa projectava abrir uma grande praça que seria baptizada com o nome de Espanha. Ora dizia Osório de Oliveira que era necessário que os arquitectos e urbanistas que haviam delineado a praça pensassem no seu significado e reservassem um lugar para o único monumento que ela [deveria] conter: o de Cervantes...

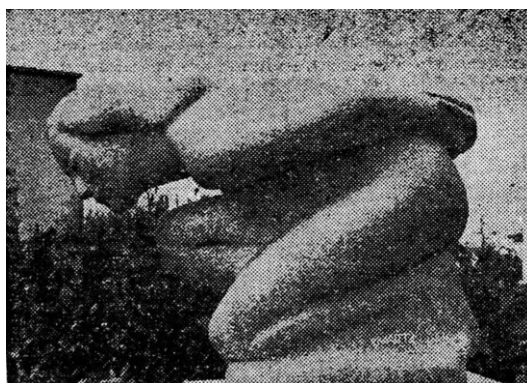
*... “não só por ser a máxima expressão do génio espanhol, e não só por ser a máxima expressão do Quixote e, portanto, um dos maiores génios literários do Mundo, mas por ser um dos escritores estranhos que melhor interpretaram a nossa alma, na história do ‘chamorado português’ do Persiles y Segismunda.”*

E Osório de Oliveira defendia-se antecipadamente de esperada polémica, indicando que Espanha ainda não erguera um monumento a Camões mas que no entanto Cervantes, Lopes de Vega e Gracián haviam celebrado o cantor dos nossos feitos com uma compreensão superior àquela que unia as duas

---

<sup>48</sup> DP – 22. Janeiro. 1951, p. 1

nações peninsulares, “raízes comuns de uma cultura diversificada pelo destino próprio de cada povo”. E reforçava a ideia adiantando que caso não se erigisse o monumento, a nova praça teria tanto valor como a de Londres, já concretizada. Vazia, a praça de Espanha seria um espaço sem alma. Pelo contrário, com o memorial a Cervantes, o nome de Espanha não representaria apenas um acto político ou um gesto de cordialidade, mas um testemunho de admiração pelo génio fraterno. E terminava dizendo que não podia falar em nome da Cultura portuguesa mas que estava certo de que ela reclamava esse monumento.



António Duarte – *Nu*  
*I Exposição Internacional de Escultura ao Ar Livre,*  
*Madrid (Novembro, 1953)*

É claro que a ideia gerou alguma controvérsia, como não podia deixar de ser, num país que em determinadas instâncias valorizava as boas relações ibéricas mas que por outro lado ensinava nas escolas primárias que os grandes inimigos do País tinham sido desde sempre os árabes e os espanhóis... E houve de tudo: quem nem sequer falou na questão de Cervantes e referiu o herói madeirense João Fernandes Vieira ou S. Francisco Xavier, libertador de Pernambuco das mãos dos holandeses para figura estatuada, quem concordou mas avançou com o princípio da reciprocidade (Cervantes em Portugal, muito bem, mas então Camões em Espanha?), quem concordou sem entraves de

qualquer espécie, quem tenha até falado de uma estátua a Vítor Hugo, em vez da de Cervantes, e quem tenha discordado liminarmente de tal homenagem. A verdade é que a estátua não se fez e hoje na Praça de Espanha apenas se situa um memorial ao 25 de Abril, em adaptação disparatada e simplória de arco retirado do seu lugar de origem e ali posto com alguma polémica. Ficava assim o cavaleiro da triste figura sem representação lisboeta, apesar dos desejos manifestados por Osório de Oliveira e da tinta que sobre o assunto correu neste início de anos 50. Regressado de recente viagem a Espanha e agastado com as reacções à sua ideia, ele encerraria o assunto com o sarcasmo que se pode observar nas seguintes linhas:

*... “Mas eu acabo (...) de sentir, uma vez mais, a grandeza de Espanha, sempre viva nas suas cidades e nos seus ‘pueblos’, nos seus castelos e nas suas catedrais, nos seus monumentos e nos seus museus, nos seus livros e na sua gente. Para que precisa a Espanha, que vive de si e que tem com que se alimentar, espiritualmente, sem precisar da Europa, de uma homenagem ao seu génio supremo, mesmo prestada pelo país que melhor devia compreendê-la?”*



*Josep Cañas caricaturado por Mário de Oliveira (1956)*



Mais ou menos por esta altura, o jornalista Adolfo Lizon elogiava no diário *Sevilla* os escultores portugueses, afirmando: “La primera escuela escultórica que hoy tenemos en toda la península, movida por una misma idea social y por iguales inquietudes artísticas, la forman en primera línea siete escultores portugueses com talleres en Lisboa: Barata Feyo, António Duarte, Euclides Vaz, Martins Correia, Joaquim Correia, José Fragoso [sic] y Álvaro de Brée<sup>49</sup>”. Curiosamente, o articulista não citava Leopoldo de Almeida nem Francisco Franco, os dois campeões da encomenda do Estado português... Contudo, em Dezembro de 1953, durante a I Exposição Internacional de Escultura ao Ar Livre, realizada no Paseo do Retiro, em Madrid, só estavam presentes com obras Leopoldo de Almeida e António Duarte<sup>50</sup>, apesar de também terem sido convidados Barata Feyo, Martins Correia, e João Fragoso.



Barata Feyo – *Rosalía*

---

<sup>49</sup> *DP* – 4.Abril.1951, p. 4

<sup>50</sup> Conjuntamente com escultores suecos, alemães, ingleses, franceses, italianos e obviamente também espanhóis. Ver *DP* – 3.Dezembro.1953, p. 8

Em 3. Agosto. 1954 inaugurava-se na Praça da Galiza, Porto, uma estátua da poetisa galega Rosalía de Castro, trabalho de Barata Feyo. A figura da autora de *Nas Margens do Sar*, sentada e de rosto erguido, em aparato clássico estilizado, como que declamando, de certo modo veio colmatar no Porto a quixotesca falha de Lisboa...<sup>51</sup>

Em Fevereiro de 1956 Josep Cañas passava por Lisboa para uma palestra que iria realizar no salão do Teatro do Secretariado da Propaganda Nacional da Informação, no Palácio Foz. Dizia este escultor em entrevista ao *DP* que não compreendia a arte abstracta, e que por outro lado as obras de Moore lhe davam a impressão de terem sido “metidas num recipiente com líquido e quando se tiram ficam, como ficam”. Com um certo desprezo e algum pedantismo, dizia também que Miró era para si um “grande decorador que [pretendia] chamar a atenção” e que não lia tratados nem revistas de arte. Mas admirava diversos escultores portugueses, tais como Barata Feyo, António Duarte, João Fragoso e Martins Correia, que afirmava terem “garra”<sup>52</sup>.

Temos assim que as relações entre a escultura portuguesa e a espanhola nestas duas décadas tiveram momentos curiosos, mas nunca uma ligação muito profunda e muito menos continuada. Teixeira Lopes e Mariano Benlliure, homens que vêm do século XIX trocam bustos mas ficam-se praticamente por aí; Martins Correia passa por Espanha e Juan de Ávalos por Portugal, mas os efeitos são nenhuns nos locais onde mais ou menos se demoraram, por bolsa ou exílio voluntário. Há conhecimento recíproco das obras entre colegas de ambos os lados da fronteira, mas nunca uma influência, uma colaboração, excepto talvez essa misteriosa ligação entre Ávalos e Leopoldo de Almeida, ainda não totalmente esclarecida. Mais mal servida de estatuários, a ditadura espanhola não recorreu aos vizinhos; estes, nela também não se reviram, pois a portuguesa de outras memórias vivia, mais de mar que de terra, mais de navegações que de conquistas sanguíneas. Lá, o próprio caudilho vai buscar um homem de esquerda para o seu megalómano memorial aos mortos da guerra civil; aqui, ninguém assumidamente de esquerda se podia mover em termos de concursos e muito menos de encomenda. Dois mundos, duas maneiras de ser, que não proporcionaram uma ligação que até poderia ter sido benéfica. Pelo meio, ficou para a História o caso da cervantina estátua que não vingou, espécie de sinal maior das impossibilidades ibéricas.

---

<sup>51</sup> *Ocidente* – Setembro. 1954, p. 118

<sup>52</sup> *DP* – 29. Fevereiro. 1956, p. 2